

Exemplos de desenvolvimento deráxico no IV Evangelho em torno dos dons de Jesus

Os dons de Moisés no deserto, nomeadamente o do maná, o da água e o da lei, foram objecto de notáveis desenvolvimentos deráxicos, quer no Targum, quer no Midraxe¹. Sendo o IV Evangelho, como aliás todo o restante Novo Testamento, «basicamente deráxico»², vejamos como em S. João aparece o tema dos dons e até que ponto se faz um tratamento deráxico do mesmo tema e, finalmente, qual o seu alcance teológico.

Em trabalho anterior³ estudámos o sintagma verbal διδόναι em S. João. A extraordinária frequência deste verbo, usado 77 vezes, não procede da falta de variedade no vocabulário joanino, aparentemente pobre, mas corresponde a uma importante riqueza e intencionalidade teológica da redacção, de tal modo que apenas umas 13 vezes o verbo aparece usado num sentido corrente e profano⁴. Em 36 vezes tem como sujeito o Pai (ou Deus), sendo o próprio Jesus (o Filho) o termo da doação em 27 vezes. É em 24 casos que Jesus, o Filho, é o sujeito agente do verbo διδόναι⁵, aparecendo como o donatário de uma série de dons, a saber:

¹ Cfr. A. RODRÍGUEZ CARMONA, *El Midrás de los Dones y su relación con el Targum Palestinense*, em «Simposio Bíblico Español» (Salamanca 1982), Madrid, Univ. Complutense, 1984, pp. 553-571.

² Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás. Los caminos y sentidos de la Palabra divina en la Escritura*, Madrid, CSIC, 1987, p. 218.

³ Cfr. G. MORUJÃO, *Relações Pai-Filho em S. João. Subsídios para a Teologia Trinitária a partir do estudo de correspondentes sintagmas verbais (Jo 5 e 17)*, tese dout. dir. Prof. J. M. CASCIARO, Univ. Navarra, Fac. Teo., Pamplona, *pro manuscripto*, 1987, cap. VI.

⁴ Cfr. Jo 1,22; 4,5.7.10a.12; 9,24; 11,57; 12,5; 13,29; 14,27b; 18,22; 19,3.9. Não dar de Moisés vemos um certo matiz religioso: o pão (6,32a), a lei (7,19) e a circuncisão (7,22).

⁵ Não incluímos aqui Jo 19,9, «dar resposta», por não se tratar de um dom, demais que a frase é negativa, ficando descartado qualquer matiz religioso no verbo. Também excluímos Jo 7,39 porque o verbo dar não é texto seguro, sendo considerado geralmente uma adição explicativa (rejeitada pela Neovulgata).

- o pão — 3 vezes: ἄρτος (6, 11.34.51; 21,13)
 - βρῶσις (6,27)
 - σάρξ (6,52)
 - ψωμίον (13,26a.b)
- a água — 4 vezes: ὕδωρ 4,10b.14a.b.15)
- o mandamento e a palavra — 3 vezes:
 - ἐντολή (13,34)
 - λόγος (17,8)
 - ρῆμα (17,14)
- a vida — 3 vezes: ζωή (6,33:10,28; 17,2) ⁶
- a paz — 2 vezes: εἰρήνη (14,27a.b)
- a glória — 1 vez: δόξα (17,22)
- o poder de se tornar filho de Deus — 1 vez:
 - ἐξουσία (1,12)
- o exemplo — 1 vez — ὑπόδειγμα (13,15)
- o que pedirdes ao Pai — 1 vez: ἂν αἰτήσητε (15,16)

É fácil de ver que a maior parte destes dons de Jesus estão perfeitamente tipificados no Antigo Testamento, sobressaindo aqueles que são os dons de Moisés no deserto: o maná (pão), a água e a lei.

O dom do pão

O dom do pão que Jesus dá constitui o tema central de todo o «discurso do Pão da Vida». A partir de Borgen, é-lhe reconhecida geralmente a forma literária de homilia ⁷. Assim, esta apresenta-se estruturada com frases do Antigo Testamento, designadamente o Salmo 78,24 — ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἔδωκεν αὐτοῖς φαγεῖν (Jo 6,31) —, que funciona como a *petiḥtah* duma homilia sinagoga, e a citação expressa de Is 54,13 — «serão todos ensinados por Deus» (Jo 6,45) — como uma amostra da *haftará* ⁸. O ponto de partida são as narrativas do maná existentes na Torá (Ex 16; Num 11).

⁶ Quando Jesus diz que dá a sua própria vida, o Evangelista não usa o verbo διδόναι, mas sim o verbo τιθέναι, pois não se trata de mais um dom, mas de uma oferta sacrificial: cfr. C. COBO, *El sacrificio de Jesús em San Juan*, tese dout. dir. Prof. A. GARCÍA MORENO, Univ. Navarra, Fac. Teo., Pamplona, *pro manuscripto*, 1987.

⁷ Cfr. P. BORGEN, *Bread from Heaven*, Leiden, Brill, 1965.

⁸ Cfr. C. PERROT, *La lecture de la Bible dans la synagogue. Les anciennes Lectures palestiniennes du Shabbat et des fêtes*, Hildsheim, 1973.

A referida frase do Salmo 78 é imediatamente actualizada ou interpretada através do recurso a uma técnica deráxica de *contraposição*, com que se visa precisar o seu sentido autêntico, por meio duma «interpretação autoritativa»⁹:

«Não foi Moisés que vos deu
o verdadeiro pão do Céu,
mas sim o meu Pai é que vos dá
o verdadeiro pão do Céu» (Jo 6,32).

Assim se deixa ver como se cumpre a Escritura, negando uma forma corrente de a entender («*não foi*»), para afirmar uma nova forma que a supera («*mas sim*»). A própria fórmula grega joanina usada para expressar a contraposição — οὐ ... ἀλλὰ ... — corresponde à «fórmula de precisão», que aparece no Targum e no Midrax — *la ... 'ella*¹⁰.

Esta contraposição tem uma força enorme, pois:

- a) concorre para apresentar Jesus como o *novo Moisés*, superando a grande figura da religião judaica¹¹;
- b) faz com que o maná apareça sobrepujado pelo pão do Céu, que se identifica com o próprio Jesus, e é qualificado de *verdadeiro* (ὁ ἀληθινός), reforçando-se assim a contraposição e relegando o maná para a condição de uma figura da nova realidade¹².

A contraposição mantém-se ao longo de todo o discurso para, a partir do v. 48 até ao v. 58, pôr em evidência que:

não é o maná que dá a vida (cfr. vv. 49.58a),
mas é o pão que Jesus dá o que dá a vida (cfr. vv. 50.51.58b).

⁹ Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *El sustrato targúmico del Discurso del Pan de Vida. Nuevas aportaciones*, em *EstBib* 36 (1977), p. 220, nt. 20.

¹⁰ Trata-se de uma técnica rabínica que consiste em procurar precisar o significado dum termo excluindo outros sentidos possíveis ou correntes. Este método no Novo Testamento tem o alcance seguinte: «*Não* (segundo a opinião corrente na exegese judaica, interpretação que se rejeita), *mas sim* (segundo o cumprimento cristão); cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, op. cit., p. 96.

¹¹ Cfr. T. F. GLASSON, *Moses in the Fourth Gospel*, London, SCM, 1963; S. JOÃO CRISÓSTOMO faz belas considerações sobre este tema: «Eles tinham na pessoa de Moisés um guia e um chefe excelente; nós temos outro Moisés, o próprio Deus que nos guia e nos governa. (...) Moisés levantou, naquele tempo, as mãos para o Céu e fez descer o pão dos Anjos, o maná. O nosso Moisés levanta para os Céus as suas mãos e alcança um alimento eterno. Aquele feriu a rocha e fez correr uma nascente de água; Este toca a mesa, fere a mesa espiritual e faz que brotem as águas do Espírito» — cfr. *Catequeses*, 3,24-27 (SC 50,165-167).

¹² Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, op. cit., pp. 238-239. O A. chama a atenção para o facto de que, quando aparece em S. João o qualificativo de «verdadeiro» (ou o termo «em verdade»), «não se trata duma concepção gnóstica, mas de proclamar a realização em Cristo daquilo que se

Por outro lado, aparecem contrapostos os efeitos do dom de Jesus, em flagrante contraste com os efeitos do dom de Moisés: o dom de Moisés não tem poder para evitar a morte (física) — «os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram» (v. 49; cfr. v. 58a) —, ao passo que o dom de Jesus evita a morte (espiritual, eterna) — «para que o comam e não morram» (v. 50) —, pois «dá a vida ao mundo» (v. 33; cfr. v. 51b)¹³; esta vida é a vida «para sempre» (vv. 51a.58b), a «vida eterna», vida que se possui já neste mundo presente (vv. 47.54a) e se terá na ressurreição «no último dia» (vv. 44.54b; cfr. 39.40). Na descrição destes efeitos utiliza-se uma técnica deráxica que consiste no recurso ao duplo sentido, chamada *tartey mixmá*, tanto para falar da morte (física, nos vv. 49 e 58a, e espiritual, no v. 50), como para falar da vida eterna (no momento presente, nos vv. 47 e 54a, e no último dia, nos vv. 44 e 54b)¹⁴.

É interessante observar que, no entanto, não se verifica qualquer contraposição entre o dar do Pai (vv. 31-32) e o dar de Jesus (vv. 27.51-52; cfr. v. 34), pois Ambos são igualmente doadores do mesmo alimento.

A fórmula de afirmação egótica três vezes repetida na homilia, «Eu sou o pão da vida» (vv. 35.48.51), tem o carácter de uma auto-apresentação sapiencial invitatória, e também deve ser considerada uma forma de deraxe de cumprimento, pois aparece como uma fórmula de interpretação actualizante de um texto bíblico implícito, fácil de entrever, dado o contexto de convite a comer, em nítida correspondência com os convites da Sabedoria divina em textos como Is 55,1-3; Pr 9,1-6; Ecli 24,19-22. Esta técnica deráxica cha-

considerava como significante principal do termo veterotestamentário ou targúmico que se emprega».

¹³ A. FEUILLET, *Études johanniques*, Paris — Bruges, Desclée Br., 1962, p. 63, considera que estas promessas de Jesus «sont comme la contre-partie de la condamnation portée par Dieu contre l'homme quand il le chasse de l'Éden». As palavras «quem vier a Mim Eu não o lançarei fora» (Jo 6,37) podem entender-se como uma alusão à expulsão do paraíso (cfr. Gn 3,22-24), pois pelo pão da vida o homem tem livre o acesso à vida eterna; cfr. M. E. BOISMARD — A. LAMOUILLE, *L'évangile de Jean*, Paris, Cerf, 1977, p. 198. De facto, na literatura midráxica, concretamente em *Sifré Nm* 11,1, diz-se que o maná era o alimento do paraíso, o que, segundo A. GUILDING, *The Fourth Gospel and Jewish Worship; a study of the relation of St. John's Gospel to the Ancient Jewish Lectionary system*, Oxford, Clarendon Press, 1960, p. 62, se deve à coincidência do Séder, encontrando-se na mesma data Nm 11 (no 2.º ano) e Gn 3 (no 1.º ano); a «homilia do Pão da vida» situar-se-ia neste contexto.

¹⁴ A dupla dimensão da vida eterna (já presente, e quando da ressurreição no último dia) condiz perfeitamente com o recurso ao método do duplo sentido (*tartey mixmá*), o que é mais uma razão para considerar descabido o apelo a uma redacção eclesiástica tardia para fazer aceitável à grande Igreja um Evangelho que não coincidia com a sua doutrina (Bultmann e Käsemann).

mada péxer, utilizada em Qumrã, levava a descobrir um sentido oculto latente no Antigo Testamento, através da «sua interpretação» (*pixró*)¹⁵.

O discurso do pão da vida, que no seu conjunto se apresenta com o colorido duma homilia cristã centrada no dom do pão e no apelo ao acolhimento desse mesmo dom através da fé e do Sacramento da Eucaristia, encerra-se com a discussão dos judeus e o escândalo de muitos discípulos que se afastam, sobressaindo a confissão de fé de Pedro à frente dos Doze: «Tu és o Santo de Deus!» Também aqui se trata de uma «confissão de cumprimento», atribuindo a Jesus a sua qualidade de Messias anunciado pelos Profetas, por isso ela deve ser considerada deráxica.

A limitação imposta pela natureza deste trabalho impede de nos determos na discussão do desenvolvimento deráxico que se deve ao próprio Jesus e ao que se deve a um tratamento deráxico das suas palavras conservadas e transmitidas na «comunidade joânica». De qualquer modo, consideramos que o desenvolvimento deráxico próprio deste «discurso-homilia» tem, na origem e em germe, as próprias palavras de Jesus¹⁶, que aliás se serviria do estilo homilético para pregar nas sinagogas, nomeadamente em Nazaré (Lc 4, 15-30) e em Cafarnaúm (Jo 6,59).

O dom da água

A primeira parte do capítulo 4 de S. João está estruturada à volta do dom da água. O impressionante diálogo de Jesus com a Samaritana inicia-se com o pedido *pedagógico* de Jesus, «dá-Me de beber», para desembocar na súplica da mulher a Jesus, «dá-me, Senhor, dessa água, para eu não ter mais sede» (vv. 7.15). Jesus faz um pedido de água natural (v. 7), com o pretexto de anunciar «o dom de Deus» (v. 10a) e o doador desse mesmo dom da «água viva» (v. 10b). O mal-entendido da Samaritana consiste em entender a «água viva» anunciada por Jesus como sendo água que brota duma nascente natural,

¹⁵ Cfr. M. P. HORGAN, *Pesharim; Qumran Interpretations of Biblical Books* (CBQ, Monograph Series 8), Washington, 1979. Note-se que no péxer cristão, que se pode ver nesta passagem, verifica-se um aspecto novo e que estava ausente dos escritos essénios do Mar Morto, a saber, o do cumprimento messiânico.

¹⁶ «Se remonta a Jesús mismo el estilo homilético de cumplimiento? La respuesta parece que debe ser totalmente afirmativa aunque con ello no pretendemos afirmar que las homilías de que hablamos enseguida sean 'ipsissima vox Jesu'» — D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, op. cit., p. 321.

por isso estranha esta promessa, pois a única nascente disponível naquele lugar é a do poço e este é fundo e Ele não tem com que tirar a água. O texto parece aludir a Jacob e ao prodígio referido no Targum¹⁷, onde se lê que «o poço subiu até à superfície e transbordou e esteve a transbordar durante vinte anos, todos os dias que o nosso Pai morou em Harran»; daí a pergunta, com certa ironia, se Ele é «mais que o nosso Pai Jacob» para fazer que a água suba e transborde do poço para fora. É então que vem a resposta reveladora do enigma: a «água viva» que Jesus promete supera a do aludido prodígio de Jacob, pois não se limita a ser água viva, no sentido de água corrente, mas será uma água que vai correr em ordem à vida eterna. Ela «produzirá no crente a vida eterna»¹⁸, e assim quem beber da água que Jesus der não terá jamais sede, ao contrário do que acontece a quem bebe da água dada por Jacob (v. 12).

Com Muñoz León, consideramos que temos aqui um «deraxe cristológico, em que a pessoa de Jesus é posta em relação com um dos grandes personagens do Antigo Testamento, aqui contrapondo-se ao patriarca Jacob e superando-o (deraxe de superação e contraposição)¹⁹, sendo a relação estabelecida entre os dois a partir do dom da água. O deraxe, neste caso, é explícito.

Mas podemos perguntar se não teremos aqui mais outro deraxe, embora implícito. Com efeito, esta «água viva» é proposta como um dom de Jesus (vv. 10a.b.14a.b.15), o que é posto em relevo pelo uso insistente do verbo $\delta\iota\delta\acute{o}\nu\alpha\iota$, que é palavra temática no diálogo dos vv. 7 a 15. Ora sucede que um dos notáveis dons de Moisés no deserto é precisamente o dom da água. Bienaimé observa mesmo que o Targum Palestinense de Num 21,18 «tinha aplicado ao poço do deserto o termo *mattannah*, 'dom', ao passo que o tema do 'dom' não se encontrava a propósito de Jacob no hagadá targúmico»²⁰. Por outro lado certos desenvolvimentos midráxicos viram no poço de Harran, «que transbordava diante de Jacob», uma prefiguração do poço do Exodo²¹. Finalmente, o contexto joanino decorrente de

¹⁷ Cfr. TPGn 28,10; PsJGn 29,10.

¹⁸ Cfr. G. BIENAIMÉ, *Moïse et le don de l'eau dans la tradition juive ancienne: targum et midrash*, Roma, BIP, 1984, pp. 279-280: «Le verbe $\delta\lambda\lambda\epsilon\sigma\theta\alpha\iota$ traduit ici par 'jaillir' fut très vraisemblablement choisi pour faire allitération avec l'hébreu 'alah (cf. Nb 21,17) qui signifiait dans la tradition midrashique la montée des eaux du puits»; cfr. tb. J. LUZARRAGA, *Fondo targúmico del Cuarto Evangelio*, em EstEcl 49 (1974), p. 261, nt. 42.

¹⁹ Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, op. cit., pp. 426, 236-252.

²⁰ Cfr. G. BIENAIMÉ, *op. cit.*, p. 280.

Jo 7,37-39 (cfr. 19,34), entendendo a citação da Escritura «do seu seio correrão rios de água viva» como referida à rocha do deserto (Ex 17,6), favorece a consideração do dom da água como uma actualização deráxica do correspondente dom de Moisés²².

O dom da lei

Por outro lado, na tradição judaica, quer a água na tradição sapiencial, quer o poço do Targum do Êxodo, são vistos como um símbolo do dom da Lei no deserto²³ e em Qumrã chama-se «água viva» a doutrina que os convertidos à comunidade tiram da Lei²⁴. Sendo assim, o dom da água viva que Jesus oferece à Samaritana também pode ser visto à luz deste simbolismo, na linha do pensamento joanino: «a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo» (Jo 1,17). A palavra e a pessoa de Jesus, o Revelador, são o «dom de Deus» (cfr. Jo 3,10) contraposto ao dom da Lei de Moisés. Com efeito, Jesus «dá» «um mandamento novo» (Jo 13,34-35). Esta doação de Jesus contrapõe-se ao dom da Lei de Moisés no deserto, ficando patente a superação desta por meio do qualificativo *novo*, que constitui «o que podemos chamar o princípio de cumprimento em forma de superação»²⁵. Trata-se de um deraxe haláquico de superação pois nos situa no âmbito da *nova Aliança*, já que, segundo o axioma da Mekiltá, *eyn berit ella torá*, há uma ligação forçosa entre as noções de Lei e Aliança («não existe Aliança que não seja a Lei»); o «mandamento» de Jesus chama-se *novo* porque corresponde à Nova Aliança que supera a Antiga²⁶. Note-se que ao ser dito que Jesus dá um mandamento novo, Ele não aparece como um simples mediador, à maneira de Moisés, mas como quem dá em nome próprio e com autoridade própria.

²¹ Cfr. *ibid.*, pp. 244, 278-279.

²² É certo que são muitos os textos do A. T. que se podem ver aludidos na citação da Escritura de Jo 7,38, com efeito, E. D. FREED, *Old Testament Quotations in the Gospel of John*, Leiden, Brill, 1965, pp. 21-23, aponta 41 textos possíveis. G. BIENAIMÉ, *op. cit.*, p. 285, pensa que o texto que serve de suporte é o de Ex 17,6.

²³ Cfr. M. PÉREZ FERNÁNDEZ, *Tradiciones mesiánicas en el Targum Palestinense*, Valencia — Jerusalém, Inst. S. Jerónimo, 1981, pp. 253 e ss.; G. BIENAIMÉ, *op. cit.*, pp. 160-164, 194-199, 281, 16-21.

²⁴ Cfr. G. BIENAIMÉ, *op. cit.*, p. 195.

²⁵ Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, *op. cit.*, p. 236.

²⁶ Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *La novedad del mandamiento del amor en los Escritos de San Juan*, em «La Ética Bíblica» (XXIX Semana Bíblica Española), Madrid, CSIC, 1971, pp. 193-231.

Apanhado teológico do «dar» de Jesus

Consideramos que o verbo *διδόναι* dito de Jesus no IV Evangelho corresponde a uma intenção deráxica da redacção joanina, que se orienta fundamentalmente em duas direcções:

Por um lado, pretende pôr em evidência que Jesus se revela como Messias, ao superar as grandes personagens do Antigo Testamento, nomeadamente Moisés e Jacob, em virtude da enorme superioridade dos dons que Ele concede. Embora não se diga expressamente, um leitor imbuído da formação judaica facilmente dá conta que Jesus é apresentado como o *novo* Moisés e o *novo* Jacob, através do recurso dum «deraxe de superação»: Jesus dá um pão bem mais excelente que o grande dom de Moisés no deserto e dá uma água que supera a de Jacob e a de Moisés, pois dá a vida eterna. A superação é reforçada pela contraposição: «não foi Moisés que vos deu o pão do Céu» (Jo 6,32). A contraposição, que é explícita a propósito do dom do pão, pode ver-se implícita para o dom da água, através dos contrastes apontados. Também Jesus ao dar «um mandamento novo», não é mais um mandamento que dá, mas é a nova lei da nova Aliança, que supera a lei de Moisés. A superação em causa não é uma superação qualquer, uma mera superioridade, pois corresponde à proclamação de um cumprimento messiânico²⁷ de realidades do Antigo Testamento que prefiguravam as do Novo, cumprimento que está na base de todo o deraxe neotestamentário²⁸. De facto, sucede que todas as pessoas que no Antigo Testamento aparecem dotadas de uma missão salvífica têm um valor de prefiguração messiânica (cfr. Gal 4,24) da salvação definitiva. É em virtude deste contexto de cumprimento messiânico que a figura de Moisés não fica desautorizada nem desvirtuada com a contraposição e a superação, mas fica a ser vista na sua verdadeira dimensão de *figura* de Cristo, cume e plenitude da Revelação de Deus.

Por outro lado, o Evangelista, ao apresentar Jesus a dar dons que no Antigo Testamento são dons próprios e exclusivos de Javé, pretende mostrar que Jesus possui a mesma condição divina. Consideramos que também isto é uma técnica do deraxe cristológico, o chamado «deraxe de transferência», segundo a feliz designação de

²⁷ Cfr. Jo 19,24.28.30.36.

²⁸ Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Derás*, op. cit., pp. 230-231.

Muñoz León ²⁹, o qual consiste na transposição para Jesus dos atributos divinos (referidos a Deus) no Antigo Testamento.

Esta nossa consideração baseia-se no insistente uso religioso do verbo dar (נתן), referido a Deus como sujeito, particularmente nos escritos deuteronómicos³⁰. Aqui dar «é uma actividade primordialmente divina, que procede da iniciativa, magnanimidade e amor de Javé para com o seu povo e que comporta, por um lado, exigência de resposta de fé e de amor, por outro, a certeza de bênçãos para essa resposta adequada. O dar de Javé exprime-se com grande frequência com o perfeito, indicando assim uma acção completa irrevogável, o que leva S. Paulo a dizer que 'os dons de Deus são sem arrependimento' (Rom 11,29). É este um dar que se distingue radicalmente do dar do homem, o que também se indica pelo uso do participio activo do verbo נתן, o qual, no sentido de uma continuidade independente do tempo, só se usa para Deus»³¹. Mas em S. João não se trata simplesmente de referir a Jesus um verbo conotado com o actuar divino de Javé. Dá-se mesmo o caso de apresentar Jesus a dar as mesmas coisas que é o próprio Javé a dar no A.T., a saber: o pão como alimento (Ex 16,8.15; Dt 8,3; Ne 9,15; Salm 104,27), um pão que não pode ser dádiva humana ou terrena, pois é o pão dos Fortes (Anjos), o pão dos céus (Salm 78,24-25). É assim que Jesus dá coisas que só Deus pode dar, tais como a vida eterna (Jo 10,28; 17,2), o poder de se tornar filho de Deus (Jo 1,12), a glória (Jo 17,22) e o próprio dar o pão do Céu é uma acção de Jesus (Jo 6,27.51) posta em paralelo com a acção de dar do Pai (Jo 6,32), assim como o dar um mandamento novo (Jo 13,34) é paralelo do dar de Deus referido à lei³². Também o dar de Jesus aparece equiparado ao do Pai em certos paralelismos implícitos, como quando Jesus diz que dá a sua paz, não como o mundo a dá (14,27); parece aludir-se àquela paz que só Deus pode dar, o cúmulo de todos os bens da salvação escatológica³³; ou como quando Jesus diz que o Pai

²⁹ Ahamos preferível a designação deste A. à de A. DIEZ MACHO, *Derás y exégesis del Nuevo Testamento*, em «Sefarad» 35 (1975) pp. 37-89, que lhe chama «derás de substitución» (*passim*), o que se presta a confusões. Em castelhano: «derás de traslado».

³⁰ Cfr. J. T. F. KANE, *God who gives*, Pamplona, EUNSA, 1973, p. 31. O A. conta 122 vezes que aparece o verbo נתן, ao passo que os outros verbos mais usados se referem a Deus num número muito inferior de vezes, como צוה e דבר (34 vezes); אמר (32 vezes).

³¹ Cfr. G. MORUJÃO, *op. cit.*, pp. 288-289.

³² Consideramos que ἐδόθη de Jo 1,17 é um *passivum divinum*; Moisés não é o doador da Lei, mas simplesmente o mediador (δικτ).

³³ Cfr. Is 52,7; 66,12; Ez 37,26.

dá outro Paráclito, o Espírito Santo, aos discípulos e é de facto Ele mesmo a dar-lho após a sua ressurreição³⁴.

Em conclusão, a insistência joanina nos dons de Jesus em que sobressai a referência aos dons de Moisés no deserto, corresponde a diversos exemplos de desenvolvimento deráxico neotestamentário, nomeadamente o deraxe de superação, o deraxe de contraposição e o importante deraxe cristológico de transferência com que se afirma a divindade de Cristo ao transferir para Ele o mesmo «dar» próprio de Javé no Antigo Testamento. De passagem, encontrámo-nos com o deraxe haláquico e com o péxer, ainda a propósito dos dons de Jesus.

GERALDO MORUJÃO

³⁴ Jo 20,22; cfr. Jo 7,39; 14,16.